

## Gênero(s) na ficção fantástica: entre redes de consumo e militância<sup>12</sup>

Kellen do Carmo XAVIER<sup>3</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

### Resumo

Em um contexto desenvolvimento tecnológico, mudanças na indústria midiática e transformações nas práticas dos consumidores, as redes sociais *on-line* revelam-se um ambiente privilegiado tanto de fomento do consumo como de organização política. Paralelamente à popularização da Internet e das mídias sociais, a ficção fantástica se atualiza e as sagas fantásticas consolidam-se como fenômeno cultural e midiático em um ambiente marcado pela retomada de reivindicações e debates feministas. A fim de abordar como a estrutura das relações de gênero atua sobre o consumo dessas narrativas no Brasil, a pesquisa apresentada dedica-se a análises quantitativas e qualitativas de um *corpus* de aproximadamente 1482 declarações oferecidas por 247 fãs de narrativas fantásticas frequentadores da rede social *Facebook*.

**Palavras-chave:** sagas fantásticas; gênero; feminismos; mídias sociais; comunicação.

### Introdução

Em um cenário marcado pela emergência e popularização de novas tecnologias de informação e comunicação, as chamadas *novas TICs*, produção, circulação e recepção de discursos modificam-se (FAUSTO NETO, 2008). Uma nova infraestrutura para a socialização *on-line* e produção criativa emerge com as mídias sociais e sua consolidação, e redes sociais como *Facebook* acabam fornecendo as bases ideológica e tecnológica do ecossistema de plataformas e aplicativos interconectados que surgem ao fim dos anos 2000.

Os desenvolvimentos tecnológicos nas últimas décadas promoveram mudanças na indústria midiática, mas não só. As mídias sociais, enquanto “camada de plataformas influencia a interação humana em nível individual e comunitário, bem como em um nível

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Trabalho submetido à avaliação para o livro *Fluxos comunicacionais em redes sociotécnicas: repercussões das micro-narrativas ao big data*, organizado pelos membros do GP Comunicação e Cultura Digital.

<sup>3</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Fafich-UFMG, e-mail: kellenxavier@gmail.com.

---

social maior, enquanto os mundos *on-line* e *offline* estão cada vez mais interpenetrando.” (VAN DIJCK, 2013, p. 4, tradução minha)<sup>4</sup>

Nesse cenário, a ideologia do compartilhamento se espalha (VAN DIJCK, 2013) e torna-se característica a uma geração que se articula politicamente com o auxílio das mídias sociais (HOLLANDA, 2018). No Brasil, as *Jornadas de Junho*, manifestações contra o aumento do transporte público e pelo acesso a um transporte público acessível e de qualidade, realizadas em 2013, demonstraram o poder de mobilização social agenciado com o auxílio das redes, reunindo cerca de 1,4 milhão de pessoas nas ruas de 130 cidades em 20 de junho. (BOGADO; HOLLANDA, 2018) Quem mais frequentemente protagonizaria as movimentações políticas posteriores à *Revolta do Vinagre* seriam, entretanto, as mulheres: diante de retrocessos políticos e casos midiáticos de violência contra mulheres, elas subiram *hashtags*, foram às ruas e ocuparam. Nesse quadro, “o feminismo ganhou terreno e se tornou o maior representante da continuidade da nova geração política”. (BOGADO, HOLLANDA, 2018, p. 29)

Essa geração política que recupera a visibilidade do movimento feminista após a terceira onda, entretanto, não confronta apenas a política institucional via mídias sociais, mas também se articula através delas para reivindicar representatividade entre seus objetos de consumo. Os objetos de culto dessa geração que, com o auxílio da internet, conheceu ou passou a interessar-se e a identificar-se com o feminismo, não escapam às suas críticas das hierarquias de gênero.

Assim, a partir da análise quantitativa e qualitativa das respostas obtidas por meio de questionário divulgado em grupos do *Facebook* relacionados ao consumo de ficção fantástica na literatura, cinema e televisão, entre outros, observamos as relações que se estabelecem entre o consumo dessas ficções e a preferência por determinadas personagens com a estrutura social de gênero reconhecida por essa geração que encontra, disponíveis em uma mesma rede social, grupos, páginas e perfis dedicados a seu objetos de culto e a conteúdo e discussões feministas.

## A pesquisa

Considerando-se que tanto no ambiente *on-line* quanto fora dele discussões sobre produtos midiáticos e debates feministas que buscam desnaturalizar e extinguir as

---

<sup>4</sup> No original: “this layer of platforms influences human interaction on an individual and community level, as well as on a larger societal level, while the worlds of on-line and offline are increasingly interpenetrating.”

---

hierarquias entre os gêneros têm conquistado espaço, a pesquisa apresentada se propõe a analisar as leituras sobre as relações de gênero na ficção fantásticas das/dos fãs usuários da rede social *on-line* Facebook. Para isso, foi desenvolvido um questionário com 37 questões, hospedado na plataforma *Google Forms*<sup>5</sup> e divulgado entre 4 e 12 de março de 2018 entre 18 grupos fechados que agrupavam consumidores de ficção fantástica na literatura, cinema e televisão, entre outros.

Em oito dias de divulgação, foram recebidos 272 questionários respondidos, dos quais 247 constituíram o *corpus* da pesquisa por considerar-se seus respondentes como sujeitos com largo consumo desses produtos e considerável envolvimento com os sentidos que colocam em circulação. Por representarem 75% dos fãs da pesquisa, a partir de agora iremos nos referir aos participantes do estudo no feminino – sem com isso, excluirmos da amostra os participantes declarados do gênero masculino ou não-binários. Do total de 247 fãs consultadas, a maioria são jovens entre 18 e 29 anos; heterossexuais (57%), geograficamente distribuídas entre 104 cidades de 21 Estados brasileiros e Distrito Federal. Com um alto nível de escolaridade, tendo como referência as médias nacionais, as respondentes estão ou já estiveram na universidade (69%), sendo a maioria estudante ou formada em instituição pública de ensino (58%). Apesar de a maioria das fãs com ensino superior consultadas concentrarem-se entre as Ciências Humanas (38%), Ciência Sociais Aplicadas (15%) e Linguística, Letras e Artes (15%), há um número significativo de respondentes distribuídas entre Ciências Exatas e da Terra (9%), Engenharias (8%), Ciências Biológicas (7%), Ciências da Saúde (7%) e Ciências Agrárias (1%). Do total de respondentes, a maioria declara não manter vínculo empregatício (65%), sendo a maioria destas, estudantes (61%).

A partir da análise quantitativa e qualitativa de 1482 respostas dissertativas a pesquisa se propõe a dissertar sobre os padrões de gênero rejeitados e quais os endossados entre as fãs de sagas fantásticas e como esses valores interagem com a eleição das sagas e personagens preferidas das fãs.

### **As sagas**

Com as mudanças no cenário midiático que têm início nos anos 1990, entraram em questão também os gêneros narrativos: discute-se uma perda da posição central do livro no processo de leitura e a revitalização da narrativa serial (NÚÑEZ, 2013); a

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.google.com/forms/>. Acesso em: 10 fev. 2019.

redefinição de formas narrativas das séries de TV (MITTELL, 2012); o surgimento de uma cultura das séries (SILVA, 2014) e o auge das *sagas fantásticas* (GARCÍA, 2009), objetos sobre os quais as participantes da pesquisa tecem os comentários por esse texto apresentados.

As sagas fantásticas têm a construção de imaginários como denominador comum e se diferenciam de outros gêneros narrativos por se estabelecerem sobre universos regidos por regras próprias, *mundos autoconsistentes* ou *paracosmos* caracterizados a) pela presença de elementos insólitos e de mitos reconfigurados a partir de temáticas contemporâneas, b) pela iconotextualidade, em que paratextos como mapas e árvores genealógicas ajudam a construir e explicar o universo fictício da saga e c) pela transmidialidade, em que uma narrativa é contada com o auxílio de diferentes suportes e linguagens (GARCÍA, 2009; BARTH, 2016).

Para Alberto Martos García (2009) o auge das sagas é “um sintoma, uma prática cultural nova que põe em evidência uma mudança de modelos na cultura, tanto nas linguagens, nos suportes ‘contedores’, como nos ‘conteúdos’, gêneros e temáticas” (GARCÍA, 2009, p. 6, tradução minha).<sup>6</sup> Para Eloy Martos Núñez (2013), o êxito das sagas fantásticas no cinema, livros e TV seria inclusive um dos fatores responsáveis por essa revitalização da narração serial em que narrativas são alongadas ou reduzidas em resposta às demandas dos consumidores. De acordo com o autor, a narração serial e possibilidade de leitura “não lineal” são inerentes ao que chama “sagas modernas”, narrativas que, a partir de um tronco inicial comum, podem desenvolver “múltiplos itinerários narrativos” que podem ter como base comum um espaço geográfico, um tempo (cronologia) e/ou um repertório de personagens, assim “traçam-se diversos itinerários a partir de um mundo completo, autoconsistente” (NÚÑEZ, 2013, p. 53). Aparentadas da literatura fantástica, as sagas fantásticas constituiriam um novo território de investigação (GARCÍA, 2009) visto que “não cabe falar de saga como um livro ou uma linguagem única [...], mas cabe falar de um *continuum* de obras [...], que não são só literárias, mas que se expandem até as outras linguagens artísticas” (NÚÑEZ, 2013, p. 55, grifos do autor).

No contexto da presente pesquisa, a pertinência das sagas fantásticas como objeto catalizador de discussão tem duas justificativas principais. A primeira é como as sagas

---

<sup>6</sup> No original: “más bien un síntoma, una práctica cultural nueva que pone de evidencia un cambio de modelos en la cultura, tanto en los lenguajes, soportes ‘continentes’ como en los ‘contenidos’, géneros o temáticas.”

tem revertido, desde a década de 1990, o vasto histórico das narrativas de *espada e bruxaria* em que ficções fantásticas com autoras e personagens femininas não eram tão comuns e não conquistavam a mesma visibilidade e popularidade do que as narrativas do mesmo gênero criadas e/ou protagonizadas por homens. Assim, dividindo prateleiras com J. R. R. Tolkien, C. S. Lewis e George R. R. Martin, hoje temos J. K. Rowling, Suzanne Collins, Diana Gabaldon, entre outras. Há personagens femininas sendo as heroínas de suas histórias, como Katniss Everdeen (*Hunger Games*), Claire Beauchamp (*Outlander*), Arya Stark (*Game of Thrones*). Temos produções que, na ausência de personagens femininas nos textos que adaptam, as criam, como em *The Hobbit*, de J. R. R. Tolkien, que teve a personagem Tauriel criada apenas para a franquia cinematográfica,<sup>7</sup> sendo as mulheres apenas 20% das personagens nomeadas de *O Senhor dos Anéis*, do mesmo autor.<sup>8</sup> Em segundo lugar, falamos sobre sagas porque estas reúnem e mobilizam redes de fãs *on-line* desde antes do advento das mídias sociais como hoje as conhecemos e têm no seu alcance midiático parte da explicação de seu sucesso.

### Gênero e consumo de sagas fantásticas no Brasil

A análise empreendida nessa seção parte de cinco entre as 37 questões que compunham o questionário do qual extraímos os dados a seguir apresentados. Visando evidenciar as articulações feitas entre as fãs de sagas fantásticas e as estruturas de gênero na sociedade brasileira, detemo-nos nas questões discursivas que se dedicavam a justificar a preferência por determinadas sagas fantásticas e suas personagens (Quadro 1):

Quadro 1 - Questões do questionário com respostas analisadas no trabalho

<b>Questão 5</b>	Qual a saga fantástica de que você mais gosta? Poderia explicar por quê? Cite até 3 motivos.
<b>Questão 7</b>	Quais seus personagens masculinos preferidos? Poderia nos dizer por quê? Cite até 3 motivos.
<b>Questão 8</b>	Há pontos sobre estes personagens que você considera negativos? Quais?
<b>Questão 10</b>	Quais suas personagens femininas preferidas? Poderia nos dizer por quê? Cite até 3 motivos.
<b>Questão 11</b>	Há pontos sobre estas personagens que você considera negativos? Quais?

Fonte: questionário *on-line*.

<sup>7</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2013/12/novo-hobbit-tem-elfa-criada-para-representar-mulheres-na-trilogia.html>. Acesso em: 10 jan. 2018.

<sup>8</sup> Disponível em: <http://tocace.conselhobranco.com.br/o-universo-da-mitologia/o-senhor-dos-aneis-em-numeros-parte-i/>. Acesso em: 11 jan. 2018.

A saga mais apontada como favorita entre as respondentes foi *Harry Potter*.<sup>9</sup> Entre os argumentos de 97 respondentes que justificam *Harry Potter* como saga favorita (39% da amostragem), sobressai o gênero da autora. Há valorização de narrativas criadas e/ou protagonizadas por mulheres também em outras sagas, como se vê abaixo:

[*Harry Potter*, pois:]

- 1- A saga foi escrita por uma mulher incrível, e tenho uma assumida inclinação para livros escritos por mulheres;
- 2- O mundo fantástico que J.K. criou é impecável, simplesmente;
- 3- Todos os livros têm mensagens bonitas e a saga ao todo deixa um aprendizado sobre amor e amizade para se levar pro resto da vida;
- 4- Tem personagens incríveis, como Hermione e Sirius Black;<sup>10</sup>
- 5- É possível fazer uma relação tremenda entre as guerras bruxas e a primeira e segunda guerra mundial (além da relação entre Voldemort e Hitler);<sup>11</sup>
- 6- É um infantojuvenil que te bota pra pensar de verdade;
- 7- Todas as pecinhas da história, por mais pequenas que pareçam, se encaixam perfeitamente no final;
- 8- Por fim, ela é como um antídoto para dementadores,<sup>12</sup> me livrou (e várias outras pessoas do mundo) de um destino muito cruel e salvou de um lugar sombrio dentro da minha própria mente. (Mulher heterossexual, 16 anos, São Paulo/SP)

*Outlander*, [pois] a protagonista feminina tem muita força e não é simplesmente uma donzela em perigo. Além disso, a autora faz um ótimo trabalho com o *background* histórico. (Mulher heterossexual, 27 anos, Recife/PE)

Aprovam-se personagens femininas bem desenvolvidas e cujo papel não seja apenas figurativo, mas que tenha repercussão sobre o desenvolvimento narrativo da saga. Para discutir com mais propriedade os modos como as relações de gênero perpassam a recepção das sagas fantásticas, é adequado passarmos agora às discussões sobre as personagens favoritas das respondentes.

Entre as personagens femininas preferidas, são indicadas por mais respondentes Hermione Granger (J. K. Rowling), citada por 45,7% das fãs consultadas; Katniss

<sup>9</sup> A história do menino órfão que, aos 11 anos, descobre ter poderes mágicos e é convidado a ingressar na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, onde conhece mais sobre sua família, encontra amigos e enfrenta desafios sociais e fantásticos. Publicados entre 1997 e 2007, os livros deram origem ao Mundo Bruxo de J. K. Rowling. Já tendo sido anteriormente referido como *J. K. Rowling's Wizarding World*, *Mundo Bruxo (Wizarding World)* tornou-se uma marca, responsável por abranger as franquias cinematográficas *Harry Potter* e *Animais Fantásticos e Onde Habitam*. Disponível em: <https://www.pottermore.com/news/wizarding-world-brand-logo-launch>. Acesso: 22 nov. 2018.

<sup>10</sup> Hermione é conhecida por ser uma bruxa nascida entre pessoas não mágicas e mesmo assim ser a melhor estudante de sua turma. Assim como Rony Weasley, está entre os melhores amigos de Harry. Sirius foi o melhor amigo do pai de Harry e é seu padrinho na saga, representando o mais próximo de uma figura paterna que o garoto teve.

<sup>11</sup> Tom Riddle, também conhecido como Lorde Voldemort e Aquele-que-não-deve-ser-nomeado é um bruxo poderoso que defende ideais de pureza entre os bruxos, ou seja, ele conquista seguidores por seus ideais de dominação dos bruxos sobre pessoas não mágicas e demais criaturas presentes na mitologia de J. K. Rowling, como Elfos, Centauros, Gigantes, etc.

<sup>12</sup> Dementadores são os guardas das prisões bruxas e têm o poder de obscurecer boas sensações, além de sugarem as almas de prisioneiros condenados. J. K. Rowling já declarou que essas criaturas mágicas foram criadas em analogia à depressão, pela qual ela mesma já passou.

Everdeen (Suzanne Collins), com 19%; Daenerys Targaryen (George R. R. Martin), com 10,9%; Arya Stark (George R. R. Martin), com 9,7%; Vin (Brandon Sanderson), com 7,3%; Claire Beauchamp (Diana Gabaldon) com 6,9%; Annabeth Chase (Rick Riordan), com 6,1%; Luna Lovegood (J. K. Rowling) e Tris Prior (Veronica Roth) com 5,7%; Galadriel (J. R. R. Tolkien), com 4,8%.

Ao justificarem sua preferência por essas e outras personagens, um dos traços mais marcantes é as identificarem como “fora dos padrões”, de forma que o que mais observamos é o endosso de feminilidades compreendidas como diferentes do esperado.

[...] Arya Stark (*As Crônicas de Gelo e Fogo*). Forte, independente, não se encaixa no estereótipo de como uma garota deveria ser e se comportar de acordo com a sociedade em que vive. (Mulher pansexual, 24 anos, Capela de Santana/RS)

Arya Stark (*As Crônicas de Gelo e Fogo*), Hermione (*Harry Potter*) e Princesa Leia (*Star Wars*). São mulheres que deixam o tabu de que mulher é o sexo frágil no chinelo. São personagens fortes, inteligentes, destemidas e que tornam a história da saga muito mais forte e relevante com a presença delas. (Mulher heterossexual, 25 anos, Recife/PE)

No geral, há mais menções a características comumente associadas ao masculino tanto no que diz respeito às personagens femininas quanto masculinas. Entretanto, embora não seja o tipo de resposta predominante, ainda podemos sugerir que há uma busca de equilíbrio entre os traços atribuídos a cada gênero, e não uma simples incorporação, pelas mulheres, de atributos considerados masculinos. Ainda que as personagens femininas citadas na pesquisa sejam majoritariamente descritas como fortes e poderosas, força e poder não são apresentados como uma finalidade em si mesmos. Os argumentos consideram os desafios de ser mulher em universos androcêntricos e patriarcais, e giram em torno destas serem *mulheres* fortes, poderosas, independentes:

Lyra Belacqua (*Fronteiras do Universo*) e Katniss Everdeen (*Jogos Vorazes*), por mais que as circunstâncias imponham a elas o que fazer, elas sempre escolhem a maneira como será feito, além de demonstrarem ter tanta coragem (ou mais) que os personagens masculinos de suas histórias. (Mulher heterossexual, 23 anos, São Paulo/SP)

Cersei e Dany (*Game of Thrones*) - acho que são dois lados diferentes da mesma moeda. Uma age querendo proteger só os seus e a outra querendo libertar os outros. Ao mesmo tempo que são mais profundas que isso. As duas são mulheres poderosas e que conseguem se defender e se virar num mundo extremamente machista. (Homem – orientação sexual não declarada, 33 anos, Porto Alegre /RS)

Vin (*Mistborn*), Juliette (*Estilhaça-me*). Personagens que subestimam e são subestimadas por serem mulheres e terem características peculiares que as “desqualificam”, mas que são capazes de evoluir e de se reconhecerem e fazerem

---

reconhecer sua força e importância enquanto personagens. (Mulher heterossexual, 28 anos, Rio de Janeiro/RJ)

O caráter relacional do gênero se apresenta muito mais nítido quando falamos de mulheres. Os argumentos utilizados para justificar a preferência por determinadas personagens masculinas foram muito mais variados, e a palavra “homem” é utilizada apenas uma vez para demonstrar contraposição às expectativas associadas ao gênero masculino:

Gosto de como Hagrid (*Harry Potter*) é apresentado na história, estando do início ao fim próximo ao destino de Harry Potter (na vida e quase morte); a ideia de um homem com ares selvagens e meio-gigante ter um instinto totalmente sensível e "maternal" (como vemos a relação de Hagrid com as criaturas mágicas) é incrível; e a personalidade do personagem, ressaltando pontos como sua fidelidade e jeito carinhoso. (Homem homossexual, 21 anos, Santa Maria/RS)

Como Connell (1987) aponta, apesar da variedade de padrões de feminilidade disponíveis, elas parecem muito mais limitadas na mídia. Enquanto existe uma ampla gama de adjetivos utilizados para qualificar personagens masculinas, em torno das personagens femininas eles permanecem aproximadamente os mesmos, sendo relevante destacar a maior concentração de preferência entre as mesmas personagens mulheres do que acontece entre os personagens homens. Tal dado também remete ao que Connell (1987) aponta como inevitabilidade do poder dos homens como configurador das feminilidades,<sup>13</sup> que necessariamente se organizariam em conformidade, resistência ou em estratégias complexas que abarcariam a ambos.

As personagens masculinas mais indicadas como preferidas pelas respondentes são Harry Potter (J. K. Rowling), mencionado por 15% das fãs; Tyrion Lannister (George R. R. Martin), por 14,6%; Alvo Dumbledore (J. K. Rowling), com 9,3%; Gandalf (J. R. R. Tolkien), com 8,9%; Rony Weasley (J. K. Rowling), com 7,3%; Aragorn (J. R. R. Tolkien) com 6,5%; Jon Snow (George R. R. Martin) e Sirius Black (J. K. Rowling) com 6,1% cada, Percy Jackson (Rick Riordan) e Samwise Gamgee (J. R. R. Tolkien) com 5,7% cada, lembrando que cada respondente pode ter indicado um personagem ou mais.

Os argumentos utilizados para justificar a preferência por certas personagens masculinas variam consideravelmente, enquanto entre as personagens femininas destaca-se a maioria ser descrita pelos fãs como inteligentes, fortes, independentes e corajosas

---

<sup>13</sup> Isto é, considerando que na maior parte das sociedades atuais a distribuição de poder é institucionalizadamente desigual entre homens e mulheres. Na medida em que houver uma ordem de gênero menos hierarquizada, se infere que a feminilidade não mais se configurará em relação à hegemonia do poder masculino.



(como acontece com personagens como Hermione Granger, Katniss Everdeen, Daenerys Targaryen e Arya Stark). Harry Potter e Aragorn são admirados por seu heroísmo, Tyrion pela inteligência e humor, Gandalf e Dumbledore pela sabedoria, sendo algumas destas e outras personagens masculinas são valorizadas também por características e comportamentos que remetem à sua gentileza e amabilidade, o que é menos comum entre as personagens femininas.

O herói “clássico” que incorpora a heterossexualidade entre outras configurações dominantes nas masculinidades mais socialmente valorizadas é mais bem quisto pelas respondentes do que as personagens que exibem uma feminilidade em conformidade com padrões historicamente naturalizados. Tendem a ser heróis independentes, que se “constroem” sozinhos, embora costumem ter/descobrir alguma ascendência nobre, grande fortuna ou habilidades notáveis que legitimem suas reivindicações. Eles combatem um inimigo irreparável, concentrando responsabilidades e louros:

Harry Potter, Percy Jackson e Eragon por que todos são protagonistas com histórias pessoais parecidas, todos são os heróis da história e mesmo com toda as dificuldades que os cercam eles não desistem de seguir em frente com sua jornada para combater o mal e um vilão pior ou maior que tudo. (Mulher – orientação sexual não declarada, 36 anos, São Paulo/SP)

Mas há também personagens masculinas preferidas cujos defeitos sobressaem-se quase tanto quanto suas virtudes, que não dispõem de herança, habilidades mágicas ou excepcionais; cujos fins são tomados como justificativa para os meios; ou que não necessariamente correspondem a um padrão de masculinidade baseado em força, assertividade e agressividade:

Harry Potter, Ron Weasley (*Harry Potter*) e Peeta Mellark (*Jogos Vorazes*), possuem características que eu admiro muito: são leais, altruístas, sinceros, corajosos... possuem uma gama de qualidades que eu aprecio muito. Já Kaz Brekker (*Six of crows*) é um pouco diferente. Ele é um anti-herói de passado complicado, e é essa complicação que me atrai nele. É o que ele representa como um garoto que perdeu tudo e foi transformado por uma sociedade impiedosa. Ele é um retrato de milhares de jovens que existem na realidade, talvez até uma crítica, e isso, somada a sua personalidade ácida o transformaram num personagem icônico pra mim. (Mulher heterossexual, 20 anos, Coaraci/BA)

Will Parry (*Fronteiras do Universo*) - O cuidado que ele tem com a mãe e com Lyra é muito bonito. Will possui uma disposição e coragem que eu desejo ter; Lee Scoresby (*Fronteiras do Universo*) - O aeróstata é um dos meus personagens preferidos da saga. O humor e a lealdade dele (principalmente com sua Daemon) são admiráveis.

---

Newt Scamander (*Animais Fantásticos e Onde Habitam*) - O Newt é um herói que foge dos rótulos geralmente empregados a eles. Ele demonstra sensibilidade e fraqueza, dificuldades de sociabilidade e não liga nem um pouco para o visual. Seu amor pelas criaturas é outra coisa que o faz ser um dos meus personagens preferidos. (Homem bissexual, 23 anos, Salvador/BA)

Frodo Bolseiro (*O Senhor dos Anéis*) por ser o herói que foge dos padrões; Elric de Melniboné (*Elric de Melniboné*) por ser talvez o primeiro grande anti-herói que eu li; e Tyrion Lannister (*Game of Thrones*) por ser aquela personagem que reside numa área cinzenta, ora sendo identificado como herói, ora como vilão. (Mulher homossexual, 37 anos, Florianópolis/SC)

Cabe destacar que certas características consideradas atraentes quando tratamos de personagens masculinas não são apontadas como positivas em relação às personagens femininas, ou sequer estão presentes entre elas. Humor irônico, arrogância, uso excessivo de violência, entre outros, tendem a não ser considerados fatores de interesse quando as personagens são mulheres. Nas personagens femininas procuram-se modelos, enquanto entre as personagens masculinas buscam-se boas histórias:

Katniss Everdeen (*Jogos Vorazes*) é um bom modelo feminino, é engenhosa, generosa e capaz de transformar fraquezas em força. Admiro isso. [Seus defeitos são que,] apesar de bondosa e sensível, ela mascarava esses sentimentos para não mostrar fraqueza. Era individualista. E por ter passado muitas privações, tinha traços de egoísmo e egocentrismo. (Mulher heterossexual, 51 anos, Rio de Janeiro/RJ)

Edmundo Pevensi (*As crônicas de Nárnia*). Ele é um personagem que não começa bonzinho, tem defeitos, é egoísta, é humano, mas ele aprende, presta atenção e evolui como pessoa ao longo da história, tanto que é considerado "O justo"; e segue mostrando que aprendeu e que está disposto a aprender mais, pra não voltar a repetir seus erros. [...] É arrogante, e um pouco individualista, ele trabalha isso um pouco ao longo da narrativa, e melhora consideravelmente, mas são traços que fazem parte da personalidade dele. (Mulher pansexual, 24 anos, Capela de Santana/RS)

Aparentemente, demanda-se mais das personagens femininas. Ainda que estas tendam a crescer e aprimorarem-se durante suas jornadas, não estão autorizadas a sair de pontos de partida tão problemáticos quanto os de algumas personagens masculinas e ainda assim serem admiradas. Sansa Stark, de *As Crônicas de Gelo e Fogo*, foi odiada pela base de fãs da saga por ser a personagem que trai a família por passividade, culto ao amor romântico e ingenuidade. Sua redenção vem quando abandona os ideais românticos e converte a violência que sobre em determinação para retomar o poder retirado de sua família.

À exceção da inteligência, as demais características não são vistas como positivas ou negativas em si mesmas pelas fãs. A crítica ou defesa varia de acordo com o gênero

da personagem, sendo a fuga de uma feminilidade dócil uma finalidade. Ainda que as heroínas que reproduzem a jornada do herói masculino contribuam para demonstrar a artificialidade das identidades de gênero (DOUGLASS, 1989), as participantes que demonstram uma forte rejeição à uma feminilidade que significa as mulheres como frágeis, não necessariamente demonstram consciência de uma necessidade de desnaturalização das identidades de gênero, havendo antes de tudo uma rejeição dos atributos usualmente utilizados para desqualificar mulheres, como mais dependentes, subjetivas, emocionais e ilógicas do que os homens, além de passivas, manipulativas, improdutivas, desfocadas, fracas, controladoras, bravas, irritadas, hipercríticas, traços mencionados por Murdock (2013).

Há, assim, uma valorização de personagens reconhecidas principalmente como inteligentes, fortes, corajosas e independentes, como Éowyn, Hermione, Daenerys, Katniss, Morgana e Annabeth:

Éowyn (*O Senhor dos Anéis*), guerreira que não aceita ficar “presa” no “lugar de mulher”; Hermione (*Harry Potter*), genial, criativa e independente. (Homem heterossexual, 27 anos, Uberaba/MG)

Hermione Granger (*Harry Potter*), Daenerys Targaryen (*Game of Thrones*), Katniss Everdeen (*Jogos Vorazes*). São empoderadas, independentes e inteligentes. Normalmente mesmo as personagens femininas mais fortes acabam abrindo mão de muito de sua força em prol de um romance. Não acho que uma coisa deveria anular a outra. (Mulher – orientação sexual não declarada, 32 anos, Rio de Janeiro/RJ)

Katniss Everdeen (*Jogos Vorazes*). Uma das poucas personagens femininas que é independente tanto para se defender, quanto para tomar suas decisões, [embora] às vezes um pouco egoísta. (Mulher heterossexual, 20 anos, Santa Maria/RS)

Hermione (*Harry Potter*), por sua inteligência, simpatia e gentileza. Katniss porque é forte, independente e determinada. [...] [entretanto] ambas deixam seus relacionamentos desviarem sua atenção por vezes. (Mulher bissexual, 22 anos, Rio de Janeiro/RJ)

Morgana Le Fey (*As Brumas de Avalon*), pois [...] ela é independente, não faz somente o papel de ajudante [...] decidida, fala e age do modo que julga melhor (dentro de sua moral, tanto pessoal quanto dentro de sua fé), compreendeu as motivações das outras personagens que a traíram ou fizeram mal a ela por um motivo maior (sororidade). (Mulher heterossexual, 25 anos, Jundiaí/SP)

Annabeth Chase (*Percy Jackson*), ela é inteligente, leal, forte e independente. Quando comecei a ler Percy Jackson não havia muita representatividade feminina onde eu morava e através dos livros, junto com a Annabeth, eu cresci e moldei pra fora dos padrões que conhecia de que meninas devem ser obedientes e cuidarem do lar. Ela me inspirou. (Mulher heterossexual, 20 anos, Mossoró/RN)

Embora a dependência, principalmente de homens, seja rejeitada em larga escala nas declarações das fãs, a heterossexualidade não é contestada. Ainda assim, os dados

indicam uma tendência à aprovação de personagens femininas que possam ser vistas como modelo de resistência a feminilidades passivas e pacíficas em sociedades consideradas opressoras. Não parece haver um endosso à masculinização consciente das mulheres ou em direção a formas severas de masculinidade, mas uma busca por atributos que confirmam independência às mulheres em relação aos homens, considerando principalmente a ordem de gênero vigente nas sociedades contemporâneas.

Dos dezoito grupos em que o questionário foi divulgado (Quadro 2), apenas um era de temática (também) feminista. Assim, impressiona a frequência com a qual aparecem críticas à estrutura social de gênero dentro e fora das sagas.

Quadro 2 – Grupos de divulgação do questionário *on-line*

<b>Grupos em que o questionário <i>on-line</i> foi divulgado</b>	<b>Membros</b>
Livros de Fantasia e Aventura – Skoob	17.212
#UsoTodaFrida	1.318
Nyah! Fanfiction (Oficial)	23.793
Skoob - O Que Você Anda Lendo?	53.700
CLFC - Clube de Leitores de Ficção Científica	8.880
Ficção Científica e Fantasia	17.676
Amantes da Literatura Fantástica	2.767
FCFT - Ficção Científica, Fantasia e Terror*	5.021
Seriadores Anônimos*	9.134
REDE Ficção Científica, Fantasia e Terror	357
Acadêmicas da Ficção Científica e Fantasia	32
Ficção Científica Brasil – FCB	1.312
Comunicação Social UFSM	1.497
Fãs e escritores de Fantasia e Ficção Científica	1.259
Clube de Leitores de Ficção Fantástica	1.886
Sci-fi e feminismo: Diversidade em Ficção Científica, Horror e Fantasia	727
Ficção Científica e Terror para MULHERES	252
Fãs de Ficção Científica e Fantasia - Santa Maria – RS	431

Fonte: Elaborado pela autora.

Mesmo em contato com jovens fora das comunidades feministas do *Facebook*, parece difícil negar o alcance do movimento. Em levantamento realizado em 2018, ano em que os dados da pesquisa aqui apresentada foram coletados, Bruna Bulegon (2019) aponta a existência de mais 100 perfis ativos na plataforma *Facebook* por meio da busca pelos termos “feminismo” e “feminista”, somando 45 as páginas que se mantiveram ativas ao longo de sua presença na plataforma. Dentre essas, as três maiores páginas contam com mais de um milhão de seguidoras e tiveram início na plataforma entre 2012 e 2015 (Quadro 3). De acordo com Costa e Hollanda (2018, p. 45), a elevada adesão às páginas

feministas denuncia dois fatores: “a demanda reprimida das vozes femininas no espaço público e seu alcance político”.

Quadro 3 – Grupos de divulgação do questionário *on-line*

Nome	Seguidores	Início
Não Me Kahlo	1.239.324	22/07/2014
TODAS Fridas	1.212.072	13/08/2015
Empodere Duas Mulheres	1.135.454	27/02/2012

Fonte: Bulegon (2019).

A posição do *Facebook* no *ecossistema de mídia conectiva*<sup>14</sup> tem um impacto sobre manifestações de sociabilidade em rede que dificilmente poderia ser subestimado, visto que sua ideologia de compartilhamento estabelece o padrão para demais plataformas e o ecossistema como um todo. (VAN DIJCK, 2013). O imperativo de compartilhamento se expandiu de forma a ser apropriado pelas feministas para a socialização e desestigmatização de experiências antes consideradas muito íntimas, como pelas *hashtags* #MeuAmigoSecreto e #MeuPrimeiroAssédio: a apropriação das redes sociais *on-line* inaugurada por esses movimentos diferencia-se por promover “a exploração meticulosa da força mobilizadora dos relatos pessoais, um dos principais instrumentos políticos do feminismo em rede” em que “as experiências em primeira pessoa, tornadas públicas na rede, passam a afetar o outro” (COSTA; HOLLANDA, 2018, p. 46).

### Considerações finais

Com esta pesquisa, buscamos delinear e tornar visível o caráter relacional do gênero em sagas fantásticas na percepção de fãs e integrantes de comunidades virtuais no *Facebook*. Com as respostas obtidas, foi possível perceber que atributos são valorizados por oferecerem subsídios para personagens femininas se afastarem de estereótipos de fragilidade e passividade. Ainda que haja uma recente proliferação de autoras mulheres entre as sagas a atingir êxito comercial e uma maior oferta de personagens femininas entre essas narrativas, a oferta de representações mais plurais e coerentes com a variedade de grupos sociais, seja *on-line* ou no mundo dito real, segue, lamentavelmente, incipiente.

Em 2018, o Facebook contava com 2,2 bilhões de usuários mensais no mundo, sendo 127 milhões no Brasil, considerando o País um dos cinco maiores mercados para a

<sup>14</sup> No original: “ecosystem of connective media”.

---

companhia.<sup>15</sup> Neste trabalho, entendemos a retomada do movimento feminista como manifestação política que vem pautando as redes e sociedade brasileira, pelo menos desde 2015. Como apresentamos, as discussões sobre os padrões nos arranjos de gênero parecem ter se expandido para além das comunidades on-line declaradamente feministas, assim como têm refletido em movimentações nas ruas, como observado durante as eleições de 2018 com os protestos contra Jair Bolsonaro e a propagação da hashtag #EleNão.

Ainda, como alerta José Van Dijck (2013, p. 19), “as mídias sociais constituem uma arena de comunicação pública onde as normas são moldadas e as regras são contestadas”.<sup>16</sup> Assim, o imperativo do compartilhamento do Facebook é reproduzido e também ressignificado pelas práticas feministas em rede. Isto é, há uma apropriação das plataformas e também de sua ideologia para a militância, como ocorre durante a externalização de experiências íntimas tornadas coletivas pelo relato. De constrangimento, elas passam a ser usadas como ponte entre mulheres e atraem para a identificação com o movimento feminista, pois no momento em que os relatos demonstram que as experiências antes vistas apenas como pessoais são problemas sociais, cresce a percepção de necessidade do feminismo. Como declara Clara Averbuck, “ninguém acorda feminista. [...] A internet teve um papel fundamental nisso, pois foi ouvindo as experiências de outras mulheres que consegui identificar as minhas próprias.” (COSTA; HOLLANDA, 2018, p. 55)

O autointitulado *livro-ocupação* de Hollanda (2018) é outra amostra da expansão do princípio do compartilhamento para além das redes, pois a autora declara que a escolha editorial de produzir uma pesquisa e uma escrita compartilhada responde aos princípios dessa geração digital.

Em tempos de *hashtags*, cabem, entretanto, considerações sobre o tempo do compartilhamento. As tecnologias e as mídias sociais dinamizaram a conectividade entre sujeito e discursos, estimulando a produção constante de conteúdos para atualização das redes. Entretanto, dada a visibilidade atingida pelas reivindicações feministas e a resistência conservadora que passamos a enfrentar, aumenta a necessidade de promover

---

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml>. Acesso em: 19 jul. 2019.

<sup>16</sup> No original: “social media constitute an arena of public communication where norms are shaped and rules get contested.”

---

uma militância que se articule estrategicamente, e pense e repense o que, pelas bolhas às quais os algoritmos restringem seus usuários, consideram senso comum.

## Referências

- BARTH, Pedro Afonso. **As Crônicas de Gelo e Fogo como uma Saga Fantástica**. 2016. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2016.
- BULEGON, Bruna. **Estratégias discursivas na construção do ativismo digital: redes de mobilização feminista**. 2019. 151f. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.
- BOGADO, Maria; HOLLANDA, H. B. Rua. In: HOLLANDA, H. B. (Org.) **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 23-42.
- CONNELL, Raewyn. **Gender and Power: society, the person and sexual politics**. Cambridge: Polity Press, 1987.
- COSTA, Cristiane; HOLLANDA, H. B. Rede. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque. (Org.) **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 43-60.
- DOUGLASS, Ellen. Por uma mitologia feminista no século XX. **Organon**, v. 16, n. 16, p. 26-33, 1989.
- GARCÍA, Alberto Martos. **Introducción al mundo de las sagas**. Badajoz: Universidad de Extremadura, 2009.
- HOLLANDA, H. B. Introdução. In: HOLLANDA, H. B. (Org.) **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 23-42.
- FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma analítica da midiatização. **MATRIZES**, v. 1, n. 2, p. 89-105, 2008.
- MITTELL, Jason. Complexidade narrativa na televisão americana contemporânea. **Matrizes**, São Paulo, v. 5, n, 2, p. 29-52, 2012.
- MURDOCK, Maureen. **The Heroine's Journey: Woman's Quest for Wholeness**. Shambhala, Boston & London, 2013. Edição digital Kindle.
- NÚÑEZ, Eloy Martos. Hipertexto, cultura midiática e literaturas populares: o auge das sagas fantásticas. In: RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tania M. K. (Org.). **Questões de leitura no hipertexto**. Passo Fundo: Ed. da Universidade de Passo Fundo, 2013. p. 50-63.
- SILVA, Marcel Vieira Barreto. 2014. Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade. **Galaxia**, São Paulo, n. 27, p. 241-252, 2014.
- VAN DIJCK, José. **The culture of connectivity: a critical history of social media**. New York: Oxford University Press, 2013.